

Julia Quinn

DAMAS REBELDES • 2



Brilhante

A história de Belle



Brilhante

A história de Belle





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Julia Quinn

DAMAS REBELDES • 2



Brilhante

A história de Belle



Título original: *Dancing at Midnight*

Copyright © 1995 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado mediante acordo com Harper Collins Publishers.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Sheila Til

revisão: Camila Figueiredo e Tereza da Rocha

diagramação: Abreu's System

capa: Renata Vidal

imagem de capa: © Ildiko Neer / Trevillion Images

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64b

Quinn, Julia, 1970-

Brilhante [recurso eletrônico] / Julia Quinn; [tradução de Ana Rodrigues]. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2021.
recurso digital (Damas rebeldes; 2)

Tradução de: *Dancing at midnight*

Sequência de: *Esplêndida*

Continua com: *Indomável*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-169-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título. III. Série.

21-70651

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotec ria - CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para meu pai, que nunca se esquece de me dizer quanto se orgulha de mim. Também tenho muito orgulho de você.
E para Paul, embora ele ache que esta história ficaria melhor se fosse ambientada em uma floresta tropical.*

SUMÁRIO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

CAPÍTULO 1

Oxfordshire, Inglaterra
1816

Se desossásseis todas as mulheres do mundo, uma por uma...

Arabella Blydon piscou. Aquilo não podia estar certo. Não havia nenhum açougueiro louco em *O conto do inverno*. Ela afastou o livro do rosto. Piorava. Voltou a aproximá-lo. Aos poucos, as letras entraram em foco.

Se desposásseis todas as mulheres do mundo, uma por uma...

Belle suspirou e se recostou no tronco de uma árvore. Aquilo fazia muito mais sentido. Ela piscou mais algumas vezes, na tentativa de fazer os olhos de um azul muito vivo focarem as palavras na página à sua frente. Eles se recusaram a obedecer, mas Belle não estava disposta a ler com o rosto colado ao papel, por isso estreitou os olhos e, mesmo com dificuldade, continuou.

Um vento frio a atingiu e ela levantou os olhos para o céu pesado. Ia chover, sem dúvida, mas com sorte ainda teria mais uma hora até que as primeiras gotas comesçassem a cair. Seria tempo suficiente para terminar *O conto do inverno*. E aquilo marcaria o fim do Grande Desafio de Leitura de Shakespeare, a empreitada semiacadêmica que ocupara o tempo livre de Belle por quase seis meses. Ela começara com *Tudo está bem quando termina bem* e prosseguira, passando por *Hamlet*, por todos os *Henriques*, por *Romeu e Julieta* e por uma série de outras peças de que nunca sequer ouvira falar. Belle não saberia dizer ao certo o que a motivara além do simples fato de gostar de ler, mas, agora que estava quase no fim, não permitiria que algumas malditas gotas de chuva a atrapalhassem.

Engoliu em seco e olhou ao redor, como se temesse que alguém a tivesse ouvido praguejar em pensamento. Então voltou a levantar os olhos para o céu. Um raio de sol atravessou um espaço minúsculo entre as nuvens, o que ela interpretou como um sinal para que fosse otimista. Pegou um sanduíche de frango que levara para seu piquenique. Deu uma mordida com gosto e retornou ao livro. As palavras pareceram tão pouco dispostas a entrar em foco quanto antes, por isso ela as aproximou do rosto, contorcendo-o das mais diversas maneiras até encontrar a forma certa de estreitar os olhos para conseguir ler direito.

– Muito bem, Arabella – resmungou para si mesma. – Se conseguir manter esta posição extremamente desconfortável por mais 45 minutos, você deve conseguir terminar o livro.

– É claro que até lá seus músculos faciais já estarão um pouco doloridos – disse alguém atrás dela.

Belle deixou cair o livro e virou a cabeça depressa. Um cavalheiro de traje casual, embora elegante, estava de pé a poucos metros de distância. Seu cabelo era de um castanho escuro como chocolate e os olhos tinham a mesma cor. Ele fitava Belle e seu piquenique solitário com uma expressão divertida e sua pose descontraída indicava que já a vinha observando havia algum tempo. Incapaz de pensar em algo para dizer e torcendo para que seu olhar de desdém colocasse o homem em seu devido lugar, Belle o encarou com uma expressão irritada.

Não adiantou. Na verdade, ele pareceu se divertir ainda mais às custas dela.

– A senhorita precisa de óculos – disse o homem com tranquilidade.

– E *o senhor* está invadindo uma propriedade particular – retrucou Belle.

– Estou? Pensei que a invasora fosse a senhorita.

– Não mesmo. Esta terra pertence ao duque de Ashbourne. Meu primo – acrescentou ela, para enfatizar.

O estranho apontou para o oeste.

– *Aquelas* terras pertencem ao duque de Ashbourne. O limite entre as propriedades são aquelas montanhas ali. Portanto, a invasora é a senhorita.

Belle estreitou os olhos e prendeu uma mecha dos cabelos louros ondulados atrás da orelha.

– Tem certeza?

– Absoluta. As terras de Ashbourne são vastas, mas não infinitas.

Ela ajeitou o corpo, sentindo-se desconfortável.

– Ah. Bem, nesse caso, sinto muito por perturbá-lo – falou Belle em um tom altivo. – Vou só pegar meu cavalo e sairei daqui.

– Deixe de bobagem – apressou-se em dizer o homem. – Espero não ser tão intratável a ponto de não permitir que uma dama leia sob uma das minhas árvores. Por favor, fique pelo tempo que quiser.

Belle considerou a ideia de ir embora mesmo assim, mas a comodidade venceu o orgulho.

– Obrigada. Cheguei há horas e estou bem instalada aqui.

– Estou vendo.

Ele sorriu, mas não foi um sorriso largo, e Belle teve a impressão de que o homem à sua frente não sorria com frequência.

– Talvez – voltou a falar ele –, já que vai passar o resto do dia nas minhas terras, a senhorita pudesse se apresentar.

Belle hesitou, incapaz de discernir se ele estava sendo condescendente ou educado.

– Perdão. Sou lady Arabella Blydon.

– Encantado em conhecê-la, milady. E eu sou John, lorde Blackwood.

– Como vai?

– Bem, mas insisto que a senhorita precisa de óculos.

Belle sentou-se mais ereta. Emma e Alex haviam passado o mês anterior insistindo que ela fosse a um médico para examinar os olhos, mas os dois eram da família. Aquele John Blackwood era um estranho, não tinha o menor direito de lhe dar uma sugestão daquelas.

– Pode ter certeza de que levarei seu conselho em consideração – murmurou ela em um tom não muito simpático.

John inclinou a cabeça e um sorriso irônico curvou seus lábios.

– O que está lendo?

– *O conto do inverno.*

Belle se recostou e esperou pelos comentários condescendentes de sempre sobre mulheres e leitura.

– Uma excelente peça, mas não acho que seja uma das melhores de Shakespeare – comentou John. – Da minha parte, tenho um fraco por *Coriolano*. Não é muito conhecida, mas eu gostei bastante. Talvez se interesse em lê-la em algum momento.

Belle se esqueceu de ficar contente por ter encontrado um homem que a encorajasse a ler e disse:

– Obrigada pela sugestão, mas já li.

– Estou impressionado – comentou John. – E *Otelo*?

Ela assentiu.

– *A tempestade*?

– Sim.

John buscou mentalmente a obra mais obscura de Shakespeare de que pudesse se lembrar.

– E *O peregrino apaixonado*?

– Não é a minha favorita, mas consegui chegar ao fim.

Belle até tentou, mas não conseguiu conter um sorriso. Ele riu.

– Meus cumprimentos, lady Arabella. Acho que nunca *vi* uma cópia de *O peregrino apaixonado*.

Belle alargou o sorriso, aceitando com elegância o elogio enquanto sentia seu antagonismo em relação ao homem se dissolver.

– Não quer se juntar a mim por alguns minutos? – perguntou, indicando com um gesto o espaço vazio na manta onde estava sentada. – Ainda tenho quase toda a comida que trouxe para o piquenique. Ficaria feliz em compartilhá-la.

Por um momento ele pareceu inclinado a aceitar. Abriu a boca para dizer algo, então soltou um leve suspiro e voltou a fechá-la. Quando voltou a falar, foi em um tom muito rígido e formal, apenas para dizer:

– Não, obrigado.

John Blackwood se afastou alguns passos e virou a cabeça, deixando que o olhar vagasse pelos campos.

Belle inclinou a cabeça e estava prestes a dizer algo quando percebeu, com surpresa, que lorde Blackwood mancava. Ela se perguntou se ele teria se ferido na Guerra Peninsular. Era intrigante, aquele John. Não se importaria de passar algum tempo na companhia dele. E, tinha que admitir, o homem era muito bonito, com feições marcadas e simétricas e um corpo esguio e forte. Seus olhos, de um castanho aveludado, mostravam inteligência evidente, mas também pareciam nublados pela dor e pelo ceticismo. Belle começava a achá-lo bastante misterioso, na verdade.

– Tem certeza? – perguntou ela.

– Certeza de quê? – retrucou John, sem se virar.

Belle ficou aborrecida com a indelicadeza.

– Certeza de que não quer se juntar a mim para o almoço.

– Absoluta.

Aquilo chamou a atenção dela. Ninguém jamais lhe dissera que tinha certeza *absoluta* de não desejar sua companhia.

Belle permaneceu sentada na manta, sentindo-se desconfortável novamente, *O conto do inverno* esquecido no colo. Não parecia haver nada que ela pudesse dizer a um homem que já se virara, preparando-se para se afastar. E teria sido uma grave falta de educação voltar a ler.

John se voltou de repente e pigarreou.

– Foi bastante desagradável da sua parte dizer que preciso de óculos – reclamou Belle, de forma abrupta, só para falar antes dele.

– Peço perdão. Nunca fui muito bom em ter conversas educadas.

– Talvez devesse conversar mais – retrucou ela.

– Se usasse um tom de voz diferente, milady, alguém poderia suspeitar que a senhorita está flertando comigo.

Belle fechou o livro com força e se levantou.

– Vejo que o senhor não estava mentindo. É mesmo péssimo em manter uma conversa meramente educada. Não tem a menor noção de como fazê-lo.

Ele deu de ombros.

– É uma das minhas muitas qualidades.

Ela o encarou boquiaberta.

- Vejo que a senhorita não compartilha do meu humor peculiar.
- Duvido que existam muitas pessoas que compartilhem.

Houve uma pausa e um brilho estranho e triste cintilou por um instante nos olhos de John. Mas ele logo endureceu a expressão do rosto e o tom de voz.

- Não venha até aqui sozinha de novo – alertou.

Belle enfiou seus pertences na bolsa.

- Não se preocupe. Não vou mais invadir sua propriedade.

– Eu não disse que não pode entrar na minha propriedade. Só não faça isso sozinha.

Belle não tinha a menor ideia de como responder àquilo, por isso disse apenas:

- Vou voltar para casa.

Ele levantou os olhos para o céu.

– Sim, é melhor mesmo. Logo vai chover. Eu mesmo tenho uns três quilômetros de caminhada pela frente. Com certeza vou ficar encharcado.

Ela olhou ao redor.

- Não trouxe um cavalo?

– Às vezes, milady, é melhor usarmos os pés – disse ele, e inclinou a cabeça em um cumprimento. – Foi um prazer.

– Para o senhor, talvez – murmurou Belle de forma que ele não escutasse.

Ficou observando-o se afastar. O claudicar era bastante pronunciado, embora lorde Blackwood se movimentasse com muito mais rapidez do que ela teria achado possível. Belle manteve o olhar fixo até ele desaparecer no horizonte. No entanto, quando montou na égua que a levava até ali, algo curioso lhe ocorreu.

Ele mancava. E preferia caminhar. Que tipo de homem era aquele?



John Blackwood ouviu o som dos cascos da montaria de lady Arabella enquanto ela partia. Suspirou. Agira como um cretino.

Suspirou de novo, dessa vez deixando escapar um som alto, carregado de tristeza, de desprezo por si mesmo e da mais pura e simples irritação. Maldição. Não sabia mais como agir com as mulheres.



Belle seguiu de volta para Westonbirt, a casa dos parentes. Prima Emma, nascida nos Estados Unidos da América, havia se casado com o duque de Ashbourne fazia poucos meses. Os recém-casados preferiram a privacidade da vida no campo à agitação de Londres e, desde o matrimônio, haviam passado quase todo o tempo em Westonbirt. De qualquer modo, a temporada de eventos sociais terminara, de forma que ninguém mais estava em Londres. Ainda assim, Belle tinha a impressão de que Emma e o marido evitariam a sociedade londrina mesmo quando a temporada estivesse no auge.

Ela suspirou. Não tinha dúvida de que estaria de volta a Londres para a temporada social seguinte. De volta ao mercado de casamentos, em busca de um marido. Já estava ficando exausta de todo aquele processo. Passara por duas temporadas sociais e acumulara mais de uma dezena de pedidos, mas rejeitara todos. Alguns dos homens que a cortejaram eram totalmente inadequados, mas a maior parte eram cavalheiros decentes, bem-relacionados e bastante agradáveis. Belle só não conseguia aceitar um homem por quem não estivesse de fato interessada. E, agora que tivera um relance de como a prima estava feliz no casamento, sabia que seria muito difícil se conformar com qualquer outra coisa que não fosse a realização de seus sonhos mais loucos.

Belle colocou o cavalo a meio-galope quando sentiu a chuva apertar. Eram quase três da tarde, e ela sabia que Emma a esperaria com o chá pronto. Belle estava hospedada havia três semanas com ela e o marido, Alex. Alguns meses depois do casamento de Emma, os pais de Belle decidiram tirar férias na Itália. Ned, irmão dela, voltara a Oxford para seu último ano de universidade, por isso não precisava de atenção. Emma estava casada e bem. Restara apenas Belle. Como Emma agora era uma dama casada, era

também uma acompanhante aceitável, por isso Belle se hospedara com a prima.

Belle não conseguia imaginar um arranjo mais satisfatório. Emma era sua melhor amiga e, depois de todos os apuros em que haviam se metido juntas, era um tanto surpreendente tê-la como “acompanhante aceitável”.

Deixou escapar um suspiro de alívio quando subiu a colina e viu Westonbirt erguendo-se no horizonte. A enorme mansão era mesmo muito bonita, com sequências de janelas longas e estreitas distribuídas pela fachada. Belle já começava a pensar nela como um lar.

Seguiu na direção dos estábulos, entregou a égua ao cavaleiro e correu até a casa, rindo enquanto tentava driblar as gotas da chuva que começara a cair a uma velocidade furiosa. Subiu de forma desajeitada os degraus da frente, mas, antes que pudesse empurrar a porta pesada, o mordomo a abriu com um floreio.

– Obrigada, Norwood – falou Belle. – Estava me observando, não é?

Ele meneou a cabeça.

– Norwood, Belle já voltou?

A voz feminina pairou no ar enquanto Belle ouvia os passos da prima vindo pelo corredor que levava ao saguão de entrada.

– A chuva está apertando – falou Emma ao aparecer em um canto do saguão. – Ah, que bom! Você voltou.

– Um pouco molhada, mas nada de mais – disse Belle, animada.

– Eu avisei que ia chover.

– Você se sente responsável por mim, agora que é uma velha matrona casada?

A expressão de Emma deixou bem claro o que ela pensava daquilo.

– Você está parecendo um rato molhado – declarou Emma, sem rodeios.

A feição de Belle ficou semelhante à da prima.

– Vou trocar de roupa e descerei para o chá em seguida.

– Vamos tomá-lo no escritório de Alex – avisou Emma. – Ele se juntará a nós hoje.

– Ah, que ótimo. Descerei em um instante.

Belle subiu a escada e seguiu pelo labirinto de corredores que levava ao seu quarto. Tirou logo o traje de montaria encharcado, colocou um vestido azul-claro e desceu. A porta do escritório de Alex estava fechada e, como ouviu risinhos lá dentro, Belle teve o bom senso de bater à porta antes de entrar. Houve um momento de silêncio, então Emma falou:

– Entre!

Belle sorriu para si mesma. A cada minuto aprendia algo novo sobre aquela história de casamento por amor. Que bela acompanhante Emma estava se saindo... Ela e Alex não conseguiam manter as mãos longe um do outro sempre que achavam que ninguém estava olhando. O sorriso de Belle se alargou. Ela não conhecia detalhes sobre como os bebês eram feitos, mas tinha a intuição de que aquelas carícias todas tinham algo a ver com o fato de Emma já estar grávida. Belle abriu a porta e entrou no escritório muito grande e muito masculino de Alex.

– Boa tarde, Alex – falou. – Como está sendo o seu dia?

– Mais seco do que o seu, pelo que percebo – comentou ele, servindo-se de leite e ignorando o chá. – Seus cabelos ainda estão molhados.

Belle abaixou os olhos para os ombros. O vestido recém-colocado já estava úmido por causa dos cabelos. Ela deu de ombros.

– Ah, bem, não há nada a fazer sobre isso, eu acho – falou, e se acomodou no sofá, servindo-se de uma xícara de chá. – E como foi o seu dia, Emma?

– Sem grandes acontecimentos. Examinei vários livros contábeis e relatórios de algumas das nossas terras no País de Gales. Parece que temos um problema. Estou pensando em ir até lá investigar.

– Você não vai – grunhiu Alex.

– É mesmo? – retrucou Emma.

– Você não vai a lugar nenhum pelos próximos seis meses – acrescentou ele, lançando um olhar carinhoso para a esposa de cabelos flamejantes e olhos violeta. – E provavelmente por mais seis meses depois disso.

– Se acha que vou ficar acamada até o bebê nascer, você não está bem da cabeça.

– E *you* tem que aprender quem está no comando aqui.

– Muito bem então, você...

– Parem, parem – falou Belle, rindo. – Basta.

Ela balançou a cabeça. Aqueles dois eram as pessoas mais teimosas do universo. Eram perfeitos um para o outro.

– Que tal eu lhes contar sobre o *meu* dia?

Emma e Alex se voltaram para ela, interessados.

Belle tomou mais um gole de chá, deixando o líquido quente aquecê-la.

– Encontrei um homem bastante incomum, na verdade.

– É mesmo? – disse Emma, inclinando-se para a frente.

Alex se recostou na cadeira com uma expressão entediada.

– Sim. Ele mora aqui perto. Acho que as terras dele fazem divisa com as de vocês. Lorde John Blackwood. Você o conhece?

Alex se inclinou na direção dela de imediato.

– Você disse John Blackwood?

– É John, lorde Blackwood, eu acho. Por quê? Você o conhece? John Blackwood deve ser um nome bastante comum.

– Cabelo castanho?

Belle assentiu.

– Olhos castanhos?

Ela voltou a assentir.

– Mais ou menos da minha altura, nem gordo, nem magro?

– Imagino que sim. Ele não tinha os ombros tão largos quanto os seus, mas acho que era quase da mesma altura.

– *Ele mancava?*

– Sim! – exclamou Belle.

– John Blackwood. Quem diria... – comentou Alex, balançando a cabeça, incrédulo. – E um nobre, agora. Deve ter conseguido o título por mérito no serviço militar.

– Lorde Blackwood lutou na guerra com você? – perguntou Emma.

Quando Alex respondeu, seus olhos verdes estavam distantes.

– Sim. Ele comandava outro grupamento, mas nos víamos com frequência. Eu sempre me perguntei o que teria acontecido com Blackwood.

Não sei por que não tentei descobrir o paradeiro dele. Acho que tive medo de descobrir que havia morrido.

Aquilo sem dúvida chamou a atenção de Belle.

– O que quer dizer?

– Foi estranho – disse Alex devagar. – Blackwood era um excelente soldado. Alguém em quem se podia confiar de olhos fechados. Era totalmente abnegado e estava sempre se colocando em perigo para salvar outros.

– Por que isso é estranho? – perguntou Emma. – Ele me parece um homem muito honrado.

Alex virou a cabeça para as duas damas, a expressão agora desanuviada.

– O estranho foi que, para um homem que parecia tão pouco interessado no próprio bem-estar, ele agiu de modo muito peculiar quando foi ferido.

– O que aconteceu? – perguntou Belle, ansiosa.

– O médico falou que teria que amputar a perna dele. E devo dizer que foi bastante insensível. John ainda estava consciente e o médico nem se deu ao trabalho de avisá-lo. Simplesmente se virou para o assistente e disse “Traga-me a serra”.

Uma dor surpreendente, causada pela imagem de John Blackwood sendo maltratado, fez Belle estremecer.

– Blackwood ficou furioso – continuou Alex. – Nunca vi nada parecido. Ele agarrou o médico pela camisa e o puxou até quase encostar o nariz no dele. E, pela quantidade de sangue que havia perdido, Blackwood ainda tinha uma força espantosa. Eu estava prestes a intervir, mas, quando ouvi o tom da voz dele, recuei.

– O que ele disse? – perguntou Belle, na beira do assento.

– Jamais me esquecerei. Blackwood disse: “Se cortar a minha perna, juro por Deus que vou caçá-lo e serrar a sua também.” Então o médico saiu. Disse que o deixaria morrer, se era isso que ele queria.

– Mas ele não morreu – afirmou Belle.

– Não. Mas tenho certeza de que aquele foi o fim de seus dias de batalhas. O que provavelmente foi bom. Blackwood era um soldado sensacional, mas sempre tive a impressão de que abominava violência.

– Que estranho – murmurou Emma.

– Sim. Bem, era um homem interessante. Eu gostava muito dele. Tinha um excelente senso de humor quando resolvia usá-lo. Mas na maior parte do tempo, se mantinha em silêncio. E tinha o código de honra mais rígido que já vi.

– Ah, por favor, Alex – brincou Emma. – Ninguém poderia ser mais honrado do que você.

– Ah, minha esposa adorável e leal...

Ele se esticou para dar um beijo na testa dela.

Belle se recostou no assento. Queria saber mais sobre John Blackwood, mas não parecia haver uma forma educada de pedir a Alex que falasse mais a respeito dele. Era irritante admitir, mas estava bastante interessada naquele homem tão fora do comum.

Belle sempre fora muito prática e objetiva e nunca tentava se enganar. John Blackwood a intrigara naquela tarde, mas, agora que sabia mais sobre a história dele, o homem a fascinava. De repente, cada pequeno detalhe a respeito dele – da inclinação da sobrancelha ao modo como o vento desalinava os cabelos ligeiramente ondulados – ganhou um novo significado. E a insistência dele em caminhar fazia muito mais sentido. Depois de lutar com tanta determinação para salvar a perna, era mais do que natural que ele quisesse usá-la. Belle tinha a impressão de que John Blackwood era um homem de princípios. Um homem em quem se podia confiar. Um homem de paixões profundas.

Ela ficou surpresa com o rumo que seus pensamentos tomavam e chegou a balançar de leve a cabeça. Emma reparou.

– Está tudo bem, Belle?

– O quê? Ah, é só uma dorzinha de cabeça. Mais uma pontada, na verdade. Já passou.

– Ah.

– Provavelmente é o resultado de ler tanto – continuou Belle, embora Emma parecesse satisfeita em abandonar o assunto. – Tenho que me esforçar muito para conseguir enxergar direito as palavras agora. Talvez precise procurar um médico para que examine meus olhos.

Se Emma ficou surpresa com a súbita admissão da prima de que sua visão não era mais como antes, não comentou nada a respeito.

– Excelente. Há um ótimo médico no vilarejo. Vamos ver o que ele pode fazer.

Belle sorriu e pegou a xícara de chá, que já esfriava. Então Emma sugeriu algo maravilhoso.

– Sabe o que deveríamos fazer? – disse a duquesa, dirigindo-se ao marido. – Convidar esse John Blake...

– John Blackwood – apressou-se a corrigir Belle.

– Desculpe. Deveríamos convidar esse John Blackwood para jantar. Com Belle aqui, o número de pessoas ficará equilibrado e não vamos precisar buscar uma mulher para completar a mesa.

Alex baixou a xícara.

– Que excelente ideia, meu amor. Acho que eu gostaria muito de retomar minha amizade com Blackwood.

– Está decidido, então – disse Emma. – Devo mandar um bilhete convidando-o ou você prefere fazer isso pessoalmente?

– Acho que irei até a casa dele. Estou ansioso para revê-lo. Além disso, seria rude da minha parte não levar em consideração que Blackwood salvou minha vida.

Emma empalideceu.

– O quê?

Alex deu um sorriso envergonhado.

– Só uma vez, meu amor, e não há motivo para você ficar aflita com isso agora.

Naquele momento, o casal trocou um olhar tão terno que foi quase doloroso para Belle. Ela pediu licença baixinho, saiu do escritório e foi para o quarto, onde as últimas páginas de *O conto do inverno* a aguardavam.

John Blackwood havia salvado a vida de Alex? Ela mal conseguia imaginar aquilo. Parecia haver mais sobre o novo vizinho deles do que seus modos um tanto rudes indicavam.

O homem tinha segredos. Belle estava certa disso. E poderia apostar que a história da vida dele faria Shakespeare se envergonhar. Tudo o que

precisava fazer era investigar um pouco. Aquela viagem ao campo talvez se provasse muito mais interessante do que ela imaginara.

É claro que não conseguiria desencavar nenhum segredo do homem antes de ficar amiga dele. E lorde Blackwood havia deixado bem claro que não gostara muito dela.

Aquilo era profundamente irritante.

CAPÍTULO 2

Belle acordou na manhã seguinte com o som nada agradável de Emma vomitando. Ela se virou na cama, abriu os olhos e viu a prima debruçada sobre um urinol. Belle fez uma careta diante da cena.

– Que maneira deliciosa de despertar – resmungou.

– Bom dia para você também – retrucou Emma.

Ela se levantou, foi até a jarra de água deixada sobre uma mesa próxima, serviu-se de um copo e tomou um gole.

Belle se sentou e ficou olhando a prima bochechar a água.

– Imagino que você não tenha como fazer esse tipo de coisa no seu quarto – comentou por fim.

Emma lhe lançou um olhar zangado enquanto gargarejava.

– Enjoo matinal é algo comum na gravidez, sabia? – continuou Belle em um tom prático. – Não acho que Alex ficaria aborrecido se você vomitasse no *seu* quarto.

A expressão de Emma se tornou definitivamente furiosa enquanto ela cuspiu a água no urinol.

– Não vim até aqui para evitar meu marido. Pode acreditar que ele já me viu vomitando muitas vezes nas últimas semanas – contou ela, depois suspirou. – Acho que vomitei no pé dele outro dia.

Belle enrubesceu em solidariedade ao constrangimento da prima.

– Que horror – murmurou.

– Pois é, mas o fato é que vim até aqui para ver se você já havia acordado e acabei ficando enjoada.

Emma ficou um pouco pálida e teve que se sentar. Belle se levantou depressa e vestiu um roupão.

– Quer que eu vá buscar alguma coisa para você?

Emma balançou a cabeça e respirou fundo, tentando bravamente manter o que ainda lhe restava no estômago.

– O panorama que você está me mostrando do que devo esperar do casamento não é nada bom – brincou Belle.

Emma deu um sorriso fraco.

– É melhor do que isso na maior parte do tempo.

– Espero sinceramente que sim.

– Achei que conseguiria manter no estômago o chá com biscoitos do café da manhã – comentou Emma com um suspiro. – Mas estava errada.

– É fácil esquecer que você está grávida – comentou Belle com carinho.
– Ainda está tão esguia.

Emma a brindou com um sorriso.

– É muito gentil da sua parte dizer isso. Esta experiência é nova para mim, e é tudo muito estranho.

– Você está nervosa? Não mencionou nada a respeito.

– Não estou exatamente nervosa, é mais... hum... não sei bem como descrever. Mas a irmã de Alex deve ter um bebê dentro de três semanas, e estamos planejando visitá-la daqui a duas semanas. Espero estar lá para o parto. Sophie me garantiu que somos bem-vindos. Tenho certeza de que não vou me sentir tão nervosa depois que souber o que me espera.

A voz de Emma carregava mais esperança do que certeza.

A experiência de Belle com partos se limitava aos cachorrinhos que ela vira o irmão ajudar a trazer ao mundo quando tinha 12 anos. Ainda assim, não tinha certeza de que, depois de assistir ao parto de Sophie, Emma se sentiria mais calma sobre o que a aguardava. Belle deu um sorrisinho sem jeito para a prima, murmurou algumas palavras ininteligíveis para demonstrar que concordava e se calou.

Depois de alguns segundos, a pele de Emma recuperou seu tom normal e ela suspirou.

– Pronto. Me sinto muito melhor agora. É impressionante como passa rápido. Isso é a única coisa que torna os enjoos suportáveis.

Naquele instante, uma criada entrou carregando uma bandeja com chocolate quente e pãezinhos. A mulher pousou a bandeja na cama e as duas damas se posicionaram uma de cada lado.

Belle viu Emma tomar, hesitante, um gole do chocolate.

– Emma, posso lhe fazer uma pergunta?

– É claro.

– Vai me responder com franqueza?

Emma ergueu um dos cantos da boca.

– Quando me viu não ser franca?

– É difícil as pessoas gostarem de mim?

Emma conseguiu pegar o guardanapo bem a tempo de evitar cuspir todo o chocolate nos lençóis da cama de Belle.

– O que foi que disse?

– Não me acho uma pessoa desagradável. Quer dizer, acho que a maior parte das pessoas gosta de mim.

– Sim – garantiu Emma. – A maior parte. Todo mundo gosta. Acho que nunca conheci ninguém que *não* gostasse de você.

– Isso mesmo – concordou Belle. – Provavelmente há pessoas que não se interessam muito por mim, mas acho difícil que alguém *não* goste de mim.

– Quem não gostou de você, Belle?

– Seu novo vizinho. John Blackwood.

– Ah, por favor. Você não conversou nem cinco minutos com o homem, conversou?

– Não, mas...

– Então ele não pode ter desgostado de você tão depressa.

– Não sei. Acho que foi o modo como tudo aconteceu.

– Tenho certeza de que está enganada.

Belle balançou a cabeça com uma expressão perplexa.

– Acho que não.

– Seria assim tão terrível se ele não gostasse de você?

– Só não me agrada a ideia de alguém não gostar de mim. Isso me torna terrivelmente egocêntrica?

– Não, mas...

– Costumo ser considerada uma pessoa agradável.

– Sim, você é, mas...

Belle endireitou os ombros.

– Isso é inaceitável.

Emma conteve uma risada.

– O que planeja fazer?

– Acho que preciso fazer com que ele goste de mim.

– Escute, Belle, você está *interessada* nesse John Blackwood?

– Não, é claro que não – respondeu Belle, um pouco rápido demais. – Só não compreendo por que ele me acha tão repulsiva.

Emma balançou a cabeça, sem conseguir acreditar no rumo bizarro que a conversa havia tomado.

– Ora, você logo vai ter a chance de mudar a opinião dele. Depois de todos os homens que se apaixonaram por você em Londres sem qualquer incentivo da sua parte, não consigo imaginar que você não consiga fazer com que esse Blackwood ao menos *goste* de você.

– Hum... – murmurou Belle, e levantou a cabeça. – Quando você disse que ele viria jantar?



Era verdade que lorde Blackwood não nascera um lorde, mas vinha de uma família aristocrática, embora empobrecida. O problema era que tivera a falta de sorte de ser o caçula de sete filhos, uma posição em que era quase garantido que nenhum dos favores da vida o alcançasse. Seus pais, os sétimos conde e condessa de Westborough, com certeza não tiveram a intenção de negligenciar o caçula, mas é que havia muitos outros à frente dele.

Damien era o primogênito e, por ser herdeiro do título, era paparicado e recebia todas as vantagens com que os pais podiam arcar. Um ano depois

nasceu Sebastian, que, sendo muito próximo de Damien em idade, pôde compartilhar da maior parte dos privilégios garantidos ao herdeiro de um condado. O conde e a condessa eram muito práticos e, dada a alta taxa de mortalidade infantil, tinham consciência de que havia uma boa chance de Sebastian se tornar o oitavo conde de Westborough. Logo depois vieram em rápida sucessão Julianna, Christina e Ariana e, como ficou claro quando ainda eram muito jovens que as três se tornariam beldades, elas também receberam muita atenção. Bons arranjos matrimoniais poderiam favorecer os cofres da família.

Alguns anos depois, a condessa deu à luz um natimorto. Ninguém ficou contente com a perda, mas também não houve um grande luto. Ter cinco filhos belos e razoavelmente inteligentes parecia uma abundância de bênçãos e, para dizer a verdade, outro bebê teria sido apenas mais uma boca para alimentar. Os Blackwoods viviam, sim, em uma magnífica casa antiga, mas pagar as contas todo mês era um desafio. E nunca, jamais lhes ocorrera a possibilidade de o conde tentar ganhar a vida trabalhando.

Foi então que a tragédia se abateu sobre a família: o conde morreu quando sua carruagem tombou em uma tempestade. Na tenra idade de 10 anos, Damien se viu com um título. A família mal teve tempo de prantear o conde quando, para a surpresa de todos, lady Westborough descobriu que estava grávida de novo. Assim, na primavera de 1787, ela deu à luz o último filho. O parto foi exaustivo e a condessa viúva nunca mais recuperou as forças por completo. Naquele dia, cansada e irritadiça, para não mencionar bastante preocupada com as finanças da família, ela olhou para o sétimo filho, suspirou e disse: “Acho que vamos chamá-lo simplesmente de John. Estou cansada demais para pensar em um nome melhor.”

Depois dessa entrada pouco auspiciosa no mundo, John foi – na ausência de uma palavra melhor – esquecido.

A família tinha pouca paciência com ele, que acabava passando mais tempo na companhia dos tutores do que com a mãe e os irmãos. John foi mandado para estudar em Eton, depois em Oxford, não por se preocuparem com sua educação, apenas porque era isso que as famílias faziam com os

filhos homens, mesmo os mais novos – e, por consequência, irrelevantes para a linhagem da dinastia.

Em 1808, no entanto, quando John estava em seu último ano em Oxford, surgiu uma oportunidade. A Inglaterra se viu envolvida nas questões políticas e militares da península Ibérica, e homens de todas as origens correram para se juntar ao exército. John viu a carreira militar como uma possibilidade de garantir seu futuro e apresentou a ideia ao irmão. Damien concordou, percebendo que seria um modo honrado de tirar o destino do caçula dos próprios ombros, e comprou uma patente para John.

Tinha sido fácil se adaptar à vida no Exército. John era um excelente cavaleiro e muito hábil com espadas e armas de fogo. Corria alguns riscos que sabia que deveria evitar, mas, em meio ao horror da guerra, ficou claro que não havia chance de ele sobreviver à carnificina. E se, por algum capricho do destino, conseguisse atravessar o conflito com o corpo intacto, sabia que sua alma não teria tanta sorte.

Quatro anos se passaram e John continuou a surpreender a si mesmo ao escapar da morte. Então levou um tiro no joelho e se viu em um barco de volta à Inglaterra. À doce, verde e tranquila Inglaterra. De alguma forma aquilo não pareceu real. O tempo correu enquanto sua perna se curava, mas – verdade seja dita – John se lembrava muito pouco de seu período de convalescença. Passou a maior parte do tempo bêbado, incapaz de lidar com a ideia de ser um aleijado.

Então, para sua imensa surpresa, recebeu o título de barão por sua bravura – o que era irônico, depois de ter passado tantos anos sendo lembrado pela família de que não era um cavalheiro com um título de nobreza. Aquele foi o ponto de virada para John, e ele percebeu que, a partir daquele momento, teria algo para passar a uma futura geração. Com um propósito renovado, John decidiu colocar a vida nos trilhos.

Quatro anos depois, ele ainda mancava, mas ao menos mancava pelas próprias terras. O fim da guerra chegara um pouco mais cedo do que o esperado para ele, que pegara o valor da sua patente e começara a investir. Suas escolhas acabaram se provando muito rentáveis e, depois de apenas

cinco anos, John havia poupado o necessário para comprar uma pequena propriedade no campo.

Ele finalmente havia decidido caminhar pelo perímetro da propriedade na véspera, quando esbarrara com lady Arabella Blydon. John vinha pensando naquele encontro com ela fazia algum tempo. Provavelmente deveria ir até Westonbirt e se desculpar com a jovem por ter sido rude. Deus sabia que ela não iria até a mansão Bletchford depois do modo como ele a tratara.

John fez uma careta. Sem dúvida teria que arrumar um nome novo para aquele lugar.

Era uma bela casa. Confortável. Elegante, porém sem ostentação, e facilmente mantida por um pequeno grupo de criados – o que era uma sorte, já que ele não poderia arcar com os custos de contratar um grande número deles.

Assim, ali estava ele. Tinha uma casa só dele – não um lugar que jamais lhe pertenceria por ter cinco irmãos mais velhos. Tinha uma bela renda – um pouco reduzida agora que comprara a casa, mas seu sucesso inicial lhe dera confiança em suas habilidades financeiras.

Ele checou o relógio de bolso. Eram duas e meia da tarde, uma boa hora para dar uma olhada em seus campos a oeste e avaliar a possibilidade de cultivo. Ele queria tornar a mansão Bletchford – que logo seria renomeada – o mais rentável possível.

Uma rápida olhada pela janela e John teve certeza de que a chuva forte do dia anterior não se repetiria. Saiu do escritório e subiu a escada para pegar seu chapéu. Ele não chegara muito longe quando Buxton, o mordomo idoso que já trabalhava na casa quando John a comprara, o deteve.

– O senhor tem visita, milorde – anunciou.

John estacou, surpreso.

– Quem é, Buxton?

– O duque de Ashbourne, milorde. Tomei a liberdade de levá-lo ao salão azul.

John abriu um sorriso.

– Ashbourne está aqui. Que esplêndido!

Quando comprara a mansão Bletchford, ele não se dera conta de que o antigo amigo do exército morava tão perto, mas isso sem dúvida era um bônus. John deu meia-volta para descer a escada. De repente, estacou no saguão, atônito.

– Que inferno, Buxton! – gemeu. – Onde fica o salão azul?

– A segunda porta à sua esquerda, milorde.

John desceu o corredor e abriu a porta indicada. Como imaginara, não havia uma única peça de mobília azul no cômodo. Alex estava de pé perto da janela, os olhos perdidos nos campos que faziam limite com a propriedade dele.

– Tentando pensar em um modo de me convencer de que aquele pomar de maçãs está do seu lado das terras? – brincou John.

Alex se virou.

– Blackwood. Como é bom vê-lo! E o pomar de maçãs *está* do meu lado das terras.

John ergueu uma sobrancelha.

– Talvez eu venha tentando descobrir uma forma de convencer *você*.

Alex sorriu.

– Como tem passado? E por que não apareceu para dizer um olá? Eu nem sabia que você havia comprado esta propriedade até Belle me contar, na tarde de ontem.

Então eles a chamavam de Belle. Combinava com ela. E ela falara sobre ele. John ficou contente com isso, embora duvidasse que a jovem houvesse contado algo agradável.

– Você parece esquecer que não se deve visitar um duque a menos que o duque o visite primeiro.

– Sinceramente, Blackwood, imaginei que, a esta altura, estaríamos além das trivialidades da etiqueta. Qualquer homem que tenha salvado minha vida é bem-vindo a me visitar sempre que quiser.

John enrubesceu de leve, lembrando-se da ocasião em que atirara no homem que se preparava para esfaquear Alex pelas costas.

– Qualquer um teria feito o mesmo – comentou baixinho.

Alex deu um sorriso torto ao recordar o homem que se lançara na direção de John enquanto ele mirava. Como consequência da bravura, John sofrera um ferimento à faca no braço.

– Não – disse Alex por fim. – Não acho que qualquer um teria feito o mesmo.

Ele endireitou o corpo.

– Mas basta de falar da guerra. Prefiro não me estender no assunto. Como você está?

John indicou uma cadeira e Alex se sentou.

– Como qualquer um, imagino. Aceita um drinque?

Alex assentiu e John pegou uma garrafa de uísque.

– Obviamente não como qualquer um, *lorde* Blackwood.

– Ah, isso. Consegui um baronato. Barão Blackwood – contou John e abriu um sorriso jovial. – Até que soa bem, não acha?

– Soa muito bem.

– E quais são as novidades na sua vida nos últimos quatro anos?

– Nada mudou muito, eu acho, até seis meses atrás.

– É mesmo?

– Eu me casei – contou Alex, com um sorriso tímido.

– Verdade?

John ergueu o copo de uísque em um brinde silencioso.

– O nome dela é Emma. E Belle é prima de Emma.

John se perguntou se a esposa de Alex teria alguma semelhança com a prima. Se fosse o caso, era fácil imaginar por que chamara a atenção do duque.

– Não me diga que ela também já leu a obra completa de Shakespeare.

Alex deixou escapar uma risadinha.

– Na verdade, começou a ler, mas venho mantendo-a ocupada ultimamente.

John ergueu as sobrancelhas diante do duplo sentido do comentário.

Alex compreendeu a expressão do amigo na mesma hora.

– Ela está administrando minhas propriedades. Emma é muito habilidosa com os números. É capaz de somar e subtrair mais rápido do que

eu.

– Vejo então que a inteligência é um traço de família.

Alex se perguntou como John descobrira tanto sobre Belle em tão pouco tempo, mas não comentou nada.

– Sim, bem, essa talvez seja a única coisa que as duas têm em comum, além da capacidade excepcional de conseguir o que querem sem que você sequer se dê conta.

– É mesmo?

– Emma é obstinada – contou Alex com um suspiro, mas um suspiro confortável e feliz.

– E a prima não é assim? – perguntou John. – Ela me pareceu bastante determinada.

– Não, não, Belle também é muito determinada, não me entenda mal. Mas não tanto quanto Emma. Minha esposa é tão obstinada que é capaz de se colocar em certas situações sem pensar. Belle não é assim. Ela é muito prática. Muito objetiva. E tem uma curiosidade insaciável. É muito difícil guardar um segredo quando se está perto dela, mas devo dizer que a adoro. Depois de ver algumas situações tenebrosas em que se encontram alguns amigos, eu me considero muito sortudo por agora também fazer parte da família da minha esposa.

Alex percebeu que estava falando bem mais abertamente do que faria com um amigo que não via fazia anos, mas imaginou que algo em relação a terem ido juntos para a guerra forjava um vínculo indestrutível entre os homens. Devia ser por isso que ele conversava com John como se quatro anos não tivessem se passado.

Ou talvez aquilo se devesse ao fato de John ser um ótimo ouvinte. Sempre fora, lembrou Alex.

– Mas chega de falar da minha nova família – disse subitamente. – Você logo as conhecerá. Como tem passado? Conseguiu evitar minhas perguntas com muita habilidade.

John riu.

– Continua tudo igual, eu acho, a não ser pelo fato de que agora eu tenho um título.

– E uma casa.

– E uma casa. Comprei este lugar investindo e reinvestindo o valor da minha patente.

Alex deixou escapar um assovio baixo.

– Você deve levar muito jeito para questões financeiras. Vamos conversar sobre isso algum dia. Seria bom aprender uma coisa ou outra com você.

– Na verdade, não há nenhum grande segredo por trás do sucesso financeiro.

– É mesmo? Por favor, me conte: o que há, então?

– Bom senso.

Alex soltou uma gargalhada.

– Algo que temo ter me faltado nos últimos meses, mas acho que é isso que o amor faz com um homem. Escute, por que não vai jantar conosco em breve? Conte sobre você para minha esposa, e ela está ansiosa para conhecê-lo. E, é claro, você já conhece Belle.

– Eu gostaria muito – falou John e, em uma rara demonstração de emoção, acrescentou: – Acho que será muito bom ter amigos por perto. Obrigado pela visita.

Alex fitou o velho amigo com atenção e, em um relance, se deu conta de como John era solitário. Um segundo depois, entretanto, a vulnerabilidade desapareceu dos olhos dele e sua expressão voltou a ser inescrutável.

– Muito bem, então – disse Alex de modo educado. – Que tal daqui a dois dias? Não seguimos os horários de Londres aqui, então devemos jantar por volta das sete horas.

John assentiu.

– Excelente – comemorou Alex. – Nos vemos lá, então.

Alex se levantou e apertou a mão de John.

– Fico feliz por nossos caminhos terem voltado a se cruzar – declarou Alex.

– Eu também.

John acompanhou Alex até os estábulos, onde o cavalo dele ficara. Com um aceno de cabeça amistoso, Alex subiu em sua montaria e partiu.

John voltou caminhando devagar e sorriu para si mesmo quando olhou para a casa. Ao adentrar o saguão, Buxton o interceptou de novo.

– Isso chegou para o senhor, milorde, enquanto conversava com Sua Graça.

Ele apresentou a John um envelope em uma bandeja de prata.

John ergueu as sobrancelhas enquanto desdobrava o bilhete.

Estou na Inglaterra.

Que estranho. John virou o envelope na mão. O nome dele não estava escrito em lugar nenhum.

– Buxton? – chamou.

O mordomo, que já estava a caminho da cozinha, se virou e voltou para onde estava o patrão.

– O que o mensageiro disse quando entregou isto?

– Apenas que trazia um bilhete para o dono da casa.

– Ele não mencionou meu nome?

– Não, milorde, creio que não. Na verdade, foi um menino quem entregou. Acho que não devia ter mais do que 8 ou 9 anos.

John examinou o papel com curiosidade uma última vez, então deu de ombros.

– Provavelmente era para os antigos donos – concluiu, amassando o bilhete e deixando-o de lado. – Não tenho ideia do que se trata.



No jantar daquela noite, John pensou em Belle. Enquanto tomava um copo de uísque e lia *O conto do inverno*, ele pensou nela. E quando se deitou para dormir, pensou nela.

Belle era linda. Aquilo era inegável, mas John não achava que fosse o motivo de ela estar invadindo seus pensamentos. Havia um brilho especial naqueles olhos de um azul intenso. Um brilho de inteligência e de...

compaixão. Ela tentara fazer amizade e ele frustrara completamente a tentativa.

John balançou a cabeça, como se para afastá-la dos pensamentos. Sabia muito bem que não deveria pensar em mulheres antes de dormir. Fechou os olhos e fez uma prece por uma noite sem sonhos.

Ele estava na Espanha. Era um dia quente, mas seu batalhão estava de bom humor – sem confrontos na última semana.

Eles haviam se baseado em uma cidade pequena fazia quase um mês. A maioria dos moradores estava satisfeita por tê-los ali. Os soldados gastavam dinheiro, a maior parte na taberna, e todos se sentiam um pouco mais prósperos tendo os ingleses no local.

Como sempre, John estava bêbado. Valia qualquer coisa para tentar calar os gritos que soavam em seus ouvidos e apagar o sangue que parecia estar sempre grudado em suas mãos, não importava quanto as lavasse. Mais alguns drinques, imaginou, e ele estaria a caminho do esquecimento.

– Blackwood.

John levantou a cabeça e assentiu para o homem que acabara de sentar diante dele à mesa.

– Spencer.

George Spencer pegou a garrafa.

– Se importa?

John deu de ombros.

Spencer serviu a bebida em um copo que levava consigo.

– Tem alguma ideia de quando vamos sair deste buraco?

– Prefiro este buraco, como você o chama, a qualquer lugar no campo de batalha.

Spencer olhou de relance para a garçonete do outro lado do salão e passou a língua pelos lábios. Depois se voltou de novo para John.

– Jamais o teria tomado por um covarde, Blackwood.

John virou outra dose de uísque.

– Covarde não, Spencer. Apenas humano.

– Não somos todos?

A atenção de Spencer ainda estava concentrada na jovem, que não devia ter mais que 13 anos.

– O que acha daquela ali, hein?

John deu de ombros de novo. Não se sentia particularmente comunicativo.

A jovem, que se chamava Ana, como ele descobrira ao longo do último mês, colocou um prato de comida diante dele. John agradeceu em espanhol. Ela assentiu e sorriu. Antes que pudesse se afastar, porém, Spencer a puxou para o colo.

– Que coisinha bonita você é! – falou, a voz arrastada, enquanto a mão subia pelo corpo da jovem e cobria o seio que mal amadurecera.

– Não – pediu Ana em um inglês ruim. – Eu...

– Deixe-a em paz – ordenou John, irritado.

– Pelo amor de Deus, Blackwood, ela é só uma...

– Deixe-a em paz.

– Você às vezes é um cretino, sabia?

Spencer empurrou Ana para fora do colo, mas não antes de beliscá-la com força no traseiro.

John enfiou uma garfada de arroz na boca, mastigou, engoliu, então disse:

– Ela é uma criança, Spencer.

O outro homem flexionou a mão.

– Não onde eu peguei.

John balançou a cabeça, pois não queria ter que lidar com Spencer.

– Deixe-a em paz, só isso.

Spencer se levantou abruptamente.

– Preciso urinar.

John o viu se afastar e voltou a se dedicar ao prato à sua frente. Ele não dera mais de três garfadas quando a mãe de Ana apareceu ao lado da mesa.

– Señor Blackwood – disse ela, ciente de que ele a compreenderia

apesar de algumas palavras em espanhol. – Aquele homem... ele toca a minha Ana. Isso precisa parar.

John a encarou surpreso, tentando afastar a bruma alcoólica da mente.

– Faz muito tempo que ele a importuna?

– A semana toda, señor. Aconteceu a semana toda. Ela não gosta. Está assustada.

John sentiu o asco revirar seu estômago.

– Não se preocupe, señora. Vou me certificar de que ele a deixe em paz – garantiu. – Ela ficará a salvo do meu batalhão.

A mulher meneou a cabeça.

– Obrigada, señor Blackwood. Suas palavras me confortam.

Ela retornou para a cozinha, onde, John presumia, passaria o resto da noite diante do fogão.

Ele voltou a se dedicar à refeição e virou mais um copo de uísque para acompanhar. Cada vez mais perto do esquecimento. Ansiava por isso. Qualquer coisa para livrar sua mente da morte e dos mortos.

Spencer voltou e secou as mãos na toalha.

– Ainda comendo, Blackwood? – perguntou.

– Você sempre teve uma tendência a declarar o óbvio.

Spencer fechou a cara.

– Coma a sua gororoba, então, se é o que quer fazer. Vou procurar alguma diversão.

John ergueu uma sobrancelha, como se dissesse “Aqui?”.

– Pra mim, este lugar serve.

Os olhos de Spencer reluziram enquanto ele subia a escada cambaleando e sumia de vista.

John suspirou, feliz por se livrar daquele homem que era sempre tão inconveniente. Nunca gostara de Spencer, mas ele era um soldado razoável, e a Inglaterra precisava de todos que pudessem lutar por ela.

Ele terminou a refeição e empurrou o prato. A comida estava saborosa, mas nada parecia satisfazê-lo. Talvez outro copo de uísque.

Ah, agora estava bêbado. Realmente bêbado. Ainda havia algumas

coisas a agradecer ao Senhor, pensou.

John deixou a cabeça pender sobre a mesa. A mãe de Ana estava bastante nervosa, não estava? O rosto dela, marcado pela preocupação e pelo medo, voltou à sua mente enevoada. E Ana, a pobre menina, não gostava de ter todos aqueles homens ao seu redor. Ainda mais um homem como Spencer.

Ele ouviu um baque vindo do andar de cima. Nada fora do comum.

Spencer. Ah, sim, era nele que estava pensando. Era um cretino, ah, era. Sempre incomodando os moradores locais, sem se importar com nada além do próprio divertimento.

Outro baque.

O que ele dissera...? Que iria procurar diversão. Era bem típico de Spencer.

Outro barulho estranho – como um grito de mulher. John olhou ao redor. Ninguém mais ouvira? Ninguém pareceu reagir. Talvez fosse porque ele estava mais perto da escada.

Pra mim, este lugar serve.

John esfregou os olhos. Havia alguma coisa errada.

Ele levantou e se apoiou na mesa para tentar conter a náusea que dominou seu corpo. Por que tinha a estranha sensação de algo estar errado?

Outro baque. Outro grito.

John caminhou devagar em direção à escada. O que estava acontecendo? O barulho foi ficando mais alto conforme ele seguia pelo corredor do segundo andar.

Então ouviu novamente. Dessa vez, ficou claro.

– Nããããoooo!

Era a voz de Ana.

John ficou sóbrio na mesma hora. Irrompeu pela porta, arrancando-a das dobradiças.

– Ah, meu Deus, não! – gritou.

Mal conseguia ver Ana, o corpo pequeno coberto pelo de Spencer,

que a penetrava sem piedade.

Mas conseguiu ouvi-la chorando.

– Nãããooo, nãããooo, por favor, nãããooo!

John nem parou para pensar. Enlouquecido, arrancou Spencer de cima da moça e o jogou na parede.

– Que diabo... Blackwood?

O rosto de Spencer estava tão vermelho quanto seu membro.

– Seu desgraçado! – murmurou John, a mão pousada no revólver.

– Pelo amor de Deus, ela é só uma prostituta espanhola.

– Ela é uma criança, Spencer!

– Agora é uma prostituta – rebateu Spencer, e se virou para pegar o calção.

John apertou a arma com mais força.

– É o que ela ia acabar sendo, de qualquer modo.

John ergueu a arma.

– Os soldados de Sua Majestade não estupram – falou John, e deu um tiro no traseiro do outro.

Spencer urrou de dor e caiu no chão, soltando uma série de palavrões. John foi até Ana na mesma hora, como se houvesse algo que pudesse fazer para apagar a dor e a humilhação da menina.

O rosto dela estava petrificado. Completamente sem expressão...

Até que ela o viu.

Então Ana se encolheu e deu as costas a John, apavorada. Ele cambaleou para trás ao ver o terror no rosto da menina. Ele não... Não fora ele... Ele tentara pro...

A mãe de Ana entrou às pressas no quarto.

– Santa Mãe de Deus! – gritou. – O que é...? Ah, minha Ana! Minha Ana!

Ela correu até a filha, que agora chorava descontroladamente.

John ficou parado no meio do cômodo, zozzo, em choque e ainda bêbado.

– Eu não... – sussurrou. – Não fui eu.

Havia tanto barulho. Spencer gritava e praguejava de dor. Ana

chorava. A mãe gritava por Deus. John parecia não conseguir se mexer.

A mãe de Ana se virou para ele, o rosto mais carregado de ódio que ele já vira.

– A culpa é sua – sussurrou ela, e cuspiu no rosto de John.

– Não. Não fui eu. Eu não...

– Você jurou protegê-la – lembrou a mulher, que parecia tentar se conter para não agredi-lo. – Portanto, é como se tivesse sido você.

John a encarou, confuso.

– Não.

É como se tivesse sido você.

É como se tivesse sido você.

É como se tivesse...

John se sentou na cama, encharcado de suor. Tinham mesmo se passado cinco anos? Ele se deitou novamente, tentando esquecer que Ana se matara três dias depois.